

# NOS MANGUES, O PERIGO DA CONTAMINAÇÃO

Conheça mais sobre os mangues brasileiros ouvindo a **Nova Eldorado AM**. Reportagem de Liana John.

Entre as ameaças que afetam os mangues brasileiros, a poluição biológica é a mais comum e menos controlada pelos órgãos fiscalizadores — apesar de ser uma das que mais perigos traz à saúde pública. Os mangues de todo nosso litoral recebem grande parte dos esgotos domésticos das cidades litorâneas, sem nenhum tratamento. Inúmeros manguezais tem se transformado em aterros sanitários, utilizados pelo próprio poder público municipal, ou em lixões clandestinos, onde são jogados até resíduos hospitalares.

De Norte a Sul, conforme levantamento do oceanógrafo Luiz Roberto Tommasi, da USP, os problemas mais graves começam no Maranhão, com resíduos de pescado, efluentes de matadouros e poluição fecal nos rios Anil e Bacanga, junto da capital. No Piauí, o lixo portuário contamina Luiz Corrêa e Parnaíba. No Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba os esgotos das capitais são jogados com tratamento em rios que desembocam nos mangues. Em

Natal e em João Pessoa, o esgoto ainda encontra o lixo, despejado nas mesmas áreas.

Em Pernambuco, os registros de doenças transmissíveis — sobretudo febre tifóide, paratifóide, tuberculose, cólera, desintoxicações bacilares, micoses e amebiase — são alarmantes. Tais doenças atingem sobretudo as populações de baixa renda, que vivem sobre alagados e se alimentam com produtos dos manguezais.

Da Bahia a São Paulo, a gravidade da poluição biológica cresce na proporção em que aumenta a população das cidades litorâneas, também com o agravamento dos lixões. Na Baixada Santista, os rejei-

tos hospitalares depositados em mangues deram origem a várias autuações. Em alguns casos, os lixões hospitalares foram simplesmente encobertos com terra e os rejeitos não foram removidos.

No Piaçaguera-Guarujá, uma das áreas afetadas pelo rompimento de um oleoduto da Petrobrás, ocorrido em 1983, foi ocupada por um lixão, utilizado pela prefeitura de Guarujá. O lixo é depositado pelos caminhões da administração com a anuência de um sitiante de baixa renda do local. Sobre o lixo, o sitiante cria porcos, galinhas e planta hortaliças e frutas.

Em Santa Catarina um mangue bastante afetado é o de Itacorubi, a 5km de Flo-

rianópolis. Com 1,7Km<sup>2</sup>, o manguezal está sob a responsabilidade da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, que, ironicamente, responde a processo por despejar os efluentes dos laboratórios e sanitários. Segundo Clarice Panitz, do Centro de Biologia da UFSC, a maior agressão ao mangue local é um aterro sanitário de 20 hectares, construído em 1965. Clarice estudou a produção e decomposição de matéria orgânica na área e afirma que o chorume proveniente das 240 toneladas diárias de lixo — incluindo hospitalar — é rico em metais pesados.

A ocupação do mangue por populações de baixa renda, além dos aspectos sanitá-

rios, traz um outro tipo de pressão sobre o ecossistema. Em geral, elas utilizam a madeira das árvores de mangue para uma infinidade de coisas que vão desde construir cercas até defumar camarões.

Esse tipo de desmatamento, por moradores locais, é progressivo e nem sempre aparente, porque não é concentrado. Mas apenas no Rio Grande do Norte, este ano, o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) apreendeu 2 mil m<sup>3</sup> de madeira de mangue destinada à construção civil. Atrás dos desmatamentos, vem a erosão nas próprias áreas ocupadas pela população que retira a madeira, e o assoreamento com a estagnação de águas e aumento da concentração de mosquitos e insetos transmissores de doenças.

Carlos José Gondin, da Faculdade de Ciências Agrárias do Pará, explica que não deve ser desprezada a ação das raízes de espécies de mangue, como protetoras contra a erosão.